Racionalidade, regularidade e vida cotidiana: o jornalismo como narrativa híbrida da sociabilidade instrumental[1]

Marcos Paulo da SILVA[2]
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO
Partindo de um exemplo que procura contextualizar o debate em questão no plano empírico – notadamente, a cobertura econômica da crise política na Líbia em 2011 –, o artigo busca inserir o fenômeno da disseminação social da narrativa jornalística em uma perspectiva ampliada: o entendimento do modo jornalístico de narrar o cotidiano como uma narrativa híbrida típica da "instrumentalização da existência" que caracteriza a sociabilidade moderna. A narração noticiosa é então compreendida como um padrão estético-expressivo que se difunde socialmente ao encontrar respaldo no pragmatismo e na imediaticidade dos acontecimentos cotidianos ao mesmo passo em que transcodifica uma gama de elementos simbólicos estruturantes de um padrão cultural de racionalidade instrumental.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; narrativa noticiosa; racionalidade instrumental.

PARA SITUAR O DEBATE

Tome-se, inicialmente, um exemplo: entre fevereiro e março de 2011, no decorrer do conjunto de revoltas que ficou conhecido por "primavera árabe", o mundo assistia atônito – e o verbo "assistir" não é empregado aqui aleatoriamente – a uma arrancada de violência no território da Líbia. O então líder Muamar Kadafi, assentado no poder por mais de quatro décadas, via sua força posta em xeque e respondia com truculência na medida em que uma onda de protestos iniciada ao leste do país ganhava adeptos rumo à capital Trípoli. Naquele momento, pelas lentes da mídia, as peculiaridades históricas e socioculturais da nação norte-africana (a começar pela origem tribal de grande parte da população e pela complexa divisão territorial e política decorrente desse aspecto) não se faziam tão importantes quanto o fato de a crise líbia ter sucedido, num curto espaço de tempo, outras duas revoltas em nações árabes próximas: na Tunísia, movimento que tivera seu ponto

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche pela Syracuse University (Syracuse, New York, Estados Unidos). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.

máximo na derrubada do presidente Zine El Abidine Ben Ali, então há 23 anos no poder; e no Egito, que também resultara na renúncia do líder Hosni Mubarak, há 30 anos no controle do país – particularidades que davam mostras do provável final político – e midiático – aguardado por Kadafi. A primavera árabe ainda possuía potenciais reflexos em países como Jordânia, Argélia, Síria, Arábia Saudita, Bahrein, Marrocos e Sudão. A atenção depositada na crise líbia era, portanto, justificada sob a perspectiva de uma gama de critérios de noticiabilidade: o conflito, a relevância, a novidade, a morte, a infração, entre outros (TRAQUINA, 2008).

Todavia, país de grande visibilidade na geopolítica internacional, a Líbia, como importante polo petrolífero, emanava naquele período um curioso ar de realidade desconhecida aos espectadores ocidentais. É sintomático que o telejornal brasileiro de maior audiência, o *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, logo no início da cobertura dos conflitos, cometera o equívoco de confundir a bandeira líbia com a equivalente do Líbano, confusão que tivera grande repercussão na imprensa escrita e nas redes sociais[3]. Nesse cenário, mais do que esclarecer aquela onda de revoltas, cabia à mídia ocidental – o que inclui, evidentemente, a mídia brasileira – explicitar algumas das características básicas do país africano e os reflexos de sua crise num mundo cada vez mais globalizado.

A partir da turbulência política e dos conflitos armados em seu território, a Líbia, turbinada por sua relevância no cenário petrolífero, tornara-se também um ponto de forte interferência nos mercados e bolsas financeiras ao redor do mundo. Assim, além da repercussão no noticiário político internacional, os efeitos daquela nova realidade do país passaram a ser observados paralelamente no noticiário econômico. Algumas tendências, nesse contexto, fizeram-se identificáveis na cobertura da mídia brasileira, a saber: 1) a influência da crise nas empresas locais com negócios no norte da África; 2) a expectativa com os destinos do *Libyan Investment Authority*, o bilionário fundo de investimento líbio espalhado por diferentes partes do mundo; e, finalmente, 3) a influência da crise no mercado internacional de petróleo e demais *commodities*, tendência com maior relevo no noticiário econômico nacional.

Um significativo modelo deste último enfoque pôde ser verificado, por exemplo, no caderno *Economia* do jornal *O Estado de S. Paulo*. Não é por acaso que somente nas três primeiras semanas de conflito o suplemento dedicara 12 diferentes edições ao assunto – um

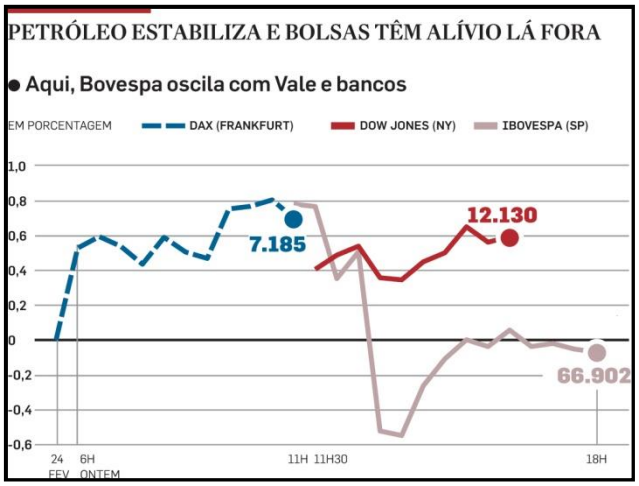
[3] O equívoco ocorreu no dia 22 de fevereiro de 2011. Ao conduzir o noticiário sobre a Líbia, os apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes tiveram ao fundo do cenário a exposição de uma bandeira do Líbano. O erro foi corrigido pelo apresentador na mesma edição, mas somente após o encerramento do noticiário sobre o assunto.

total de mais de três dezenas de intervenções, entre matérias, notas, análises e *boxes* explicativos. Embora tenha se configurado um período de tempo relativamente curto, alguns padrões se fizeram discerníveis na cobertura. A fase inicial da abordagem caracterizou-se, assim, pela exibição dos aspectos mais insólitos da crise – padrão que se traduziu narrativamente em um ambiente de tensão, apreensão e receio. Potencializou-se, dessa forma, o lado "desestabilizador" da Líbia em relação aos mercados financeiros espalhados por todos os continentes, conforme ilustra o trecho a seguir:

> A turbulência alcança países como Bahrein, Iêmen, Marrocos e Argélia, mas é a situação na Líbia que causa maior preocupação, pois é dona da maior reserva comprovada de petróleo da África. O petróleo do tipo Brent disparou mais de 5% durante o dia, ultrapassando US$ 108 por barril e o contrato para março no mercado eletrônico em Nova York subiu mais de 6%, acima de US$ 91. Na Europa, a bolsa italiana foi a que mais sofreu devido a exposição à Líbia. (grifos nossos)[4]

Mais tarde, entretanto, como forma de atenuar tais efeitos iniciais, novos espaços foram também abertos para a publicação de elementos analíticos sobre a temática. Recurso frequentemente empregado no setor econômico para ilustrar oscilações em bolsas de valores e preços de *commodities*, o gráfico de linhas, por exemplo, foi utilizado ao menos dez vezes nos dias que sucederam o estopim da crise como uma das medidas para esclarecê-la aos leitores. Nota-se, como evidencia o exemplo a seguir, que a natureza caótica do choque econômico proporcionado pela crise líbia pôde aos poucos ser racionalizada a partir de elementos familiares ao público do jornal:

Figura 1 – Reprodução de gráfico: "Petróleo estabiliza e bolsas têm alívio lá fora"



[4] "Aversão ao risco cresce, petróleo dispara e bolsas caem". *O Estado de S. Paulo*, 22/02/2011, p. B10.

Efeito semelhante de explicação "racional" e de "acesso controlado" a um dos aspectos mais insólitos do evento – no caso, a possibilidade de uma crise internacional de desabastecimento de petróleo – ocorrera no plano textual:

> O chefe de Gabinete da Casa Branca, Bill Daley, afirmou ontem que a administração Barack Obama está considerando acessar as reservas estratégicas americanas de petróleo como uma das formas de aliviar os preços globais da commodity.[5] (grifos nossos)
>
> O petróleo tipo Brent foi negociado ontem acima de US$ 111 por barril, mas abaixo do recorde de dois anos e meio, depois que a Arábia Saudita, maior exportador mundial, aumentou a produção para acalmar receios de problemas por desabastecimento por causa da crise na Líbia. (grifos nossos).[6]

A natureza caótica dos acontecimentos, traduzida na turbulência econômica e no risco de desabastecimento petrolífero, tivera, dessa forma, seus sentidos mais desviantes dissolvidos e atenuados no transcorrer da cobertura. No interior desse movimento simbólico, o assunto foi paulatinamente banido de seu protagonismo e compassadamente, edição após edição, deixou a pauta do noticiário econômico.

Todo esse processo descrito sumariamente com o exemplo acima apresentado serve, neste ponto, para revelar uma sistemática mais complexa; isto é, para além de um aspecto pragmático, a narrativa jornalística dispõe de um traço simbólico mais profundo – um aspecto particular de racionalidade – envolvido em sua construção ordinária: o assunto em pauta é, assim, primeiro apresentado conforme suas características mais insólitas, para depois, com base em elementos próprios do "narrar jornalístico", ser equacionado e dissolvido. Mais do que isso, sugere-se que o breve olhar anteriormente projetado ao noticiário econômico sobre a crise líbia possibilita, embora de forma ainda efêmera, uma reveladora pista para a genealogia desse "traço cultural" mais abrangente: trata-se de um indicativo – um "decalque" no plano narrativo – de um padrão cultural amplo e hegemônico oriundo de uma racionalidade de natureza genuinamente instrumental.

Racionalidade instrumental x racionalidade crítica: uma genealogia do conceito

A procedência da ideia de racionalidade instrumental atrela-se, no plano filosófico, ao longo processo histórico que configura o solapamento das formas precedentes de

[5] "Reserva de petróleo pode aliviar alta de preço". *O Estado de S. Paulo*, 07/03/2011, p. B7.
[6] "Arábia Saudita amplia produção e preço do petróleo sobe menos". *O Estado de S. Paulo*, 26/02/2011,p.B6.

racionalidade características da Idade Média e da Renascença. Como frisa Marilena Chauí (2002, p.83), não se trata de um processo estanque, uma vez que "cada nova forma de racionalidade é a vitória sobre os conflitos das formas anteriores, sem que haja ruptura histórica entre elas". Nesse sentido, a ideia de uma racionalidade típica da sociedade moderna tem sua emergência vinculada ao desenvolvimento técnico-científico que marca o século XIX, culminando, consequentemente, na disseminação da necessidade de um acesso racional à natureza e ao próprio homem.

Entretanto, o panorama histórico de profundas contradições, guerras e tragédias que caracteriza o século XX, bem como a emergência da ideia de escassez que decorre do uso desenfreado dos recursos naturais, coloca em xeque toda a dimensão racional oriunda das descobertas técnico-científicas. É nesse cenário que os pensadores alemães Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Max Horkheimer, expoentes da chamada Escola de Frankfurt, cunham a expressão "racionalidade instrumental" para criticar o afloramento de um padrão de "instrumentalização da razão" ligado ao desenvolvimento capitalista. Para os frankfurtianos, conforme ressalta Chauí (2002, p.50), o caráter operacional dado à razão diferencia-se consideravelmente do modelo de racionalidade denominado por eles de "crítico", ou seja, da forma de racionalidade responsável por "analisar e interpretar os perigos do pensamento instrumental" e por demonstrar que possíveis mudanças somente se realizarão "se tiverem como finalidade a emancipação do gênero humano e não as ideias de controle e domínio técnico-científico sobre a natureza, a sociedade e a cultura".

No prefácio de *Dialética do esclarecimento*, obra crítica redigida durante a Segunda Guerra Mundial, Adorno & Horkheimer (1985, p.13) abordam o assunto ao alertar para o fato de que o "pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isso, também sua relação com a verdade". Além disso, destacam os teóricos alemães, o processo de "instrumentalização da razão" acaba por reforçar uma tendência formal pela qual os próprios indivíduos desaparecem frente ao "aparelho" a que passam a servir:

> A naturalização dos homens hoje em dia não é dissociável do progresso social. O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo vê-se, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido

> por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 14).

A posição crítica dos pensadores da Escola de Frankfurt volta-se, portanto, a um processo de transformação orquestrado pela racionalidade instrumental – problemática pela qual o desenvolvimento científico "deixa de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação, poder e exploração". Assim, segundo adverte Chauí (2002, p.283-284), a concepção de uma racionalidade voltada ao caráter instrumental da vida cunhada pelos teóricos alemães se faz apropriada à compreensão de pelo menos três aspectos da sociedade moderna: a) o processo de transformação da ciência em ideologia e mito social; b) O não-descolamento dessas duas noções, uma vez que a ideologia da ciência não se reduz à transformação de uma teoria científica em ideologia, mas encontra-se em sua própria essência; e c) o reconhecimento de que as ideias de progresso técnico e neutralidade científica pertencem ao campo da ideologia cientificista.

É evidente que o posicionamento frankfurtiano a respeito da concepção de racionalidade inscreve-se num panorama mais abrangente em que a própria ideia de cultura, por exemplo, encontra-se atrelada a uma perspectiva marxista que enfatiza as determinações econômicas em detrimento das práticas cotidianas – crítica que será estabelecida mais tarde pelos Estudos Culturais. No entanto, em que pese certo reducionismo epistemológico, trata-se de posição pertinente que é também sintomática de um pensamento crítico mais amplo e fundamentado nas contradições do capitalismo e da modernidade ocidental.

Para o filósofo marxista István Mészáros (2009, p.38), em semelhante sentido crítico, a racionalidade instrumental afirma-se no curso do desenvolvimento histórico por meio de uma espécie de subjunção dos chamados "valores de uso" pelos "valores de troca", processo pelo qual os próprios indivíduos são "convenientemente reduzidos a mercadorias ou a um tipo específico de valor". Além disso, revela o pensador húngaro, tal "reducionismo mistificador" acaba por penetrar no próprio conceito de desenvolvimento – científico e social – em uma sistemática que encontra fundamento no modelo socioeconômico vigente. Nas palavras de Mészáros (2009):

> A racionalidade formal que é idealizada (e fetichizada) no discurso teórico dominante como se fosse um avanço intelectual que 'gera a si

> mesmo' condiz, de fato, estritamente com os processos práticos de abstração, redução, compartimentação, igualação formal e 'desistoricização' que caracterizam o estabelecimento e a consolidação do metabolismo socioeconômico capitalista em seu todo. (MÉSZÁROS, 2009, p.32)

Ou seja, consiste na constatação por parte do teórico húngaro da necessidade de penetração da instrumentalização nas formas mais abrangentes do viver numa sociedade pautada pelos padrões culturais do capitalismo.

No pensamento sociológico, Pierre Bourdieu (1977) é preciso ao apresentar um exemplo interessante a esse respeito. No desenvolvimento de sua teoria do poder simbólico, o pensador francês acena para o fato de que a introdução histórica da sociabilidade operacional está atrelada à emergência do valor monetário como "medida para todas as coisas" (BOURDIEU, 1977, p.176). Assim, mensuradas pelo bastão do lucro do capital econômico, algumas das mais sagradas atividades – a exemplo das inúmeras simbologias que caracterizavam as colheitas nas sociedades pré-capitalistas – passam a receber interpretações negativas pelo vácuo de efeitos materiais ou concretos que possuem no senso comum; em outras palavras, deixam de constituir ritos fundamentais para configurar práticas simbólicas desnecessárias – desinteressantes e supérfluas – ao olhar da nova sociabilidade (BOURDIEU, 1977, p.176-177). O exemplo de Bourdieu, embora desenvolvido num diferente panorama teórico, corrobora a afirmação de Mészáros (2009, p.37) de que a prática socioeconômica da "metamorfose formal redutora" – a redução dos valores de uso aos valores de troca – resulta num processo de "comensurabilidade universal" que simultaneamente "faz com que as pessoas fiquem acostumadas a funcionar com uma eficácia operacional normalmente imperturbável".

Todavia, a colocação de Bourdieu (1977) também auxilia no realçamento da complexidade que está por trás da "instrumentalização da razão" e de seu emaranhado na vida social. Nesse sentido, se levada em consideração a aplicação de outra concepção-chave das ciências sociais – o conceito gramsciano de hegemonia –, é possível inferir que a operacionalização da racionalidade instrumental não se dissemina num vazio cultural, mas, muito além disso, projeta-se socialmente ao encontrar respaldo no caminho pavimentado pelas práticas cotidianas (GRAMSCI, 2004; HALL, 1977; MARTIN-BARBERO, 2003). A racionalização da existência moderna possui, portanto, traços históricos e culturais de diferentes naturezas que se estendem às práticas mais ordinárias do homem comum – das quais não escapa a lida diária que a sociedade moderna possui com os acontecimentos

jornalísticos. Trata-se de um processo histórico de "enculturação" pautado pelo advento da racionalidade instrumental como narrativa para explicar os aspectos mais dissonantes do cotidiano – padrão cultural que se emancipa com ênfase na experiência moderna.

Uma narrativa para explicar o mundo: o advento da racionalidade instrumental como guia para o conhecimento moderno

Um dos mais emblemáticos traços da racionalização da existência na modernidade vincula-se às experiências de acesso ao imprevisível e de "domesticação do acaso" (MORETTI, 2003). Consiste, por conseguinte, em um processo pautado pelo advento da racionalidade instrumental como modelo explicativo pulsante para as arestas da sociedade – padrão cultural que, como observado anteriormente, se emancipa nas formas modernas de vida e ganha contornos mais claros na experiência cotidiana que chega à contemporaneidade.

Observado numa perspectiva histórica, o processo de secularização das experiências mundanas culmina em importantes alterações nos modos humanos de contato com o desconhecido. Assim, conforme aponta Birman (2010, p.32), "se na Antiguidade os indivíduos poderiam ser protegidos das experiências do acaso e do imprevisível (...) pela intervenção dos deuses, no cristianismo, em contrapartida, a providência divina e a moral da salvação poderiam proteger os indivíduos dos males". Já na experiência moderna, tal controle passa pela emergência da racionalidade técnico-científica e pela secularização das instituições e práticas sociais. Essa nova relação, objeto da reflexão de filósofos como Bacon e Descartes, introduz uma nova pauta na experiência cotidiana moderna: a emergência da estratégia e do cálculo – inovação na subjetividade que possibilita o incremento da sensação de poder dos indivíduos sobre a natureza e o mundo. Explicita Birman (2010):

> Com efeito, com a emergência do discurso da ciência e do seu correlato, isto é, a calculabilidade na leitura dos acontecimentos do mundo, a possibilidade de ocorrência do acaso foi efetivamente restringida. Em contrapartida, a responsabilidade do indivíduo no engendramento das ações e dos acontecimentos no mundo foi bastante incrementada. (BIRMAN, 2010, p.32).

Desse modo, a articulação da racionalidade aos registros do poder, da política e da ciência que, num recorte histórico, se conjuga com a constituição do discurso do Iluminismo no decorrer do século XVIII, configura-se também – ao longo da modernidade

– na herança de traços culturais ainda mais complexos (BIRMAN, 2010, p.32). Tais traços, por sua vez, são decalcados em diferentes níveis da experiência ordinária, tais como a valorização do conhecimento racional-objetivo em detrimento da subjetividade oriunda de outros modos do saber.

No discurso científico propriamente dito, o conhecimento formal moderno projeta-se a partir de uma regra bastante clara: seu objeto é o aumento da influência dos homens sobre as coisas. Nesse sentido, Henri Bergson (1979, p.284), em seu clássico *A evolução criadora*, chega a reconhecer que a ciência, por mais que seja "especulativa em sua forma" e "desinteressada em seus fins imediatos", é sempre mediada, em última instância, por alguma forma de recompensa. Segundo o pensador francês, uma das essenciais diferenças entre a ciência moderna e a chamada ciência antiga (aquela ligada aos panoramas históricos da Antiguidade e da Idade Média) reside exatamente no modo de apropriação desse objeto-influência. Além disso, prossegue Bergson (1979), a distinção que particulariza o modo moderno de fazer ciência atrela-se à possibilidade do cálculo preciso – à exatidão – propiciada pelos novos mecanismos e formas de abordagem:

> Há entre essas duas espécies de ciência [a moderna e a antiga] a mesma relação existente entre o registro das fases de um movimento pelo olho e o registro muito mais completo dessas fases pela fotografia instantânea. É o mesmo mecanismo cinematográfico nos dois casos, mas ele atinge, no segundo, um rigor que não pode ter no primeiro. (BERGSON, 1979, p.287, grifos nossos).

Cotidianidade e rigor matemático. A experiência racional moderna caracteriza-se, dessa maneira, por uma fundamental mudança no modo de conhecimento e experimentação da realidade concreta – constatação que não escapa ao crivo crítico dos pensadores frankfurtianos. Para Adorno & Horkheimer (1985, p.37), esse novo padrão de racionalidade técnico-científico mediado pela "matematização" desenfreada do mundo culmina na redução da natureza a uma mera "multiplicidade de possibilidades numéricas".

Por outro lado, se encarada sob a perspectiva culturalista de Martin-Barbero (2003), a valorização do conhecimento racional-objetivo nos modos modernos de vida – aspecto entendido pelo autor como um "longo processo de enculturação" –, encontra respaldo em elementos estruturantes da sociedade e projeta-se diretamente nas "transformações do saber e dos modos populares de sua transmissão" (MARTIN-BARBERO, 2003, p.144). Nessa direção, o teórico colombiano utiliza-se da personagem popular "bruxa" – imagem criada em torno das antigas feiticeiras, mulheres que dominavam um tipo particular de saber

transmitido de geração a geração – para tornar clara sua argumentação sobre a nova concepção de sociabilidade:

> A bruxa sintetiza para os clérigos e os juízes civis, para os homens ricos e cultos, o mundo que é preciso abolir. Porque é um mundo descentrado, horizontal e ambivalente que entra em conflito radical com a nova imagem do mundo que esboça a razão: vertical, uniforme e centralizado. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.144-145).

Em sentido semelhante, prossegue Martin-Barbero (2003, p.145), a escola desempenha "papel preponderante" no solapamento dessa consciência popular e no processo de perseguição instituído pela racionalidade moderna contra o "saber mágico":

> A aprendizagem da nova sociabilidade começa pela substituição da nociva influência dos pais – principalmente da mãe – na conservação e transmissão das superstições. E passa sobretudo pela mudança nos modos de transmissão do saber. Antes se aprendia pela imitação de gestos e através de iniciações rituais; a nova pedagogia neutralizará a aprendizagem ao intelectualizá-la, ao convertê-la em uma transmissão desapaixonada de saberes separados uns dos outros e das práticas. (MARTIN-BARBERO, 2003, p.145-146)

É neste ponto que se sublinha um dos principais legados decalcados na sociabilidade moderna pela secularização do conhecimento: a emergência do modo de experimentação do mundo determinado por uma racionalidade técnico-científica especialmente quantitativa (caracterizada pela calculabilidade e pela precisão matemática) na leitura sobre as coisas e a natureza – operacionalização que resulta, como dito, no incremento da sensação de poder dos indivíduos sobre a natureza e o próprio mundo social (BIRMAN, 2010, p.33). Mais do que isso, pontua Muniz Sodré (2006, p.181), trata-se mesmo da emergência de uma nova ética segundo a qual "a vinculação moderna entre os indivíduos se faz pela eliminação das origens fundacionais e das sacralizações"; isto é, "aos laços intersubjetivos fundamentados em consanguinidade, territorialidade e crença religiosa, sucedem o poder impessoal do estado moderno e o princípio matemático como base do pensamento". No mais, prossegue o teórico brasileiro, "o conteúdo do discurso moral passa a referir-se à vontade e à razão dos indivíduos, abrindo caminho para a visão empirista, que entende a razão prática como razão instrumental" (SODRÉ, 2006, p.188).

Decorrem desse cenário algumas das mais significativas mudanças na experiência espacial que se afloram na modernidade. Surgem novas técnicas de medição e as unidades de medida tornam-se cada vez mais exatas e segmentadas. A cartografia que, em compasso

semelhante, ganha em precisão e cálculo, vê suas premissas projetadas – mesmo que metaforicamente – em diferentes áreas. O universo – o "Céu" – secularizado já não causa a apreensão e o temor de outrora; aliás, torna-se também objeto de racionalização. Da mesma forma, aperfeiçoam-se e popularizam-se instrumentos precisos de medição e navegação (como bússolas e astrolábios, depois substituídos por equipamentos mais modernos) desenvolvidos desde a Idade Média por pensadores à frente da sociabilidade daquele tempo (e, por isso, muitas vezes considerados subversivos).

Além disso, como sugere o próprio Martin-Barbero (2003, p.145-146), a dinâmica de mutação estabelecida na pedagogia moderna passa a coincidir com um processo de segmentação do conhecimento – operação que, em impulsos de estratégia e cálculo, procura restringir a complexidade dos fenômenos naturais e sociais dividindo-os em unidades e disciplinas independentes (fenômeno que encontra um de seus cumes modernos no jornalismo). O ensino e o conhecimento tornam-se, assim, tecnicistas e departamentalizados – rotineiros, segmentados e repetitivos, "como nas linhas de trabalho tayloristas e fordistas" (SODRÉ, 2006, p.100) –, padrão que, para além de seu envolvimento na transmissão do saber, também se dissemina nos mais variados aspectos da vida cotidiana (incluindo a construção do modo jornalístico de narrar a realidade).

Por um olhar ampliado para a questão: a narrativa jornalística como traço da experiência moderna e os sentidos de um 'viver' instrumentalizado

Retomando o fio da meada: a emergência da narrativa jornalística na modernidade desempenha papel essencial no cenário acima delineado. A noção de regularidade cotidiana, vinculada à ideia de instrumentalização da razão, passa a constituir – nos moldes da sociabilidade moderna – uma instância fundamental no processo de construção simbólica da notícia. Reveste-se de pertinência, nesse panorama, o exemplo de cobertura jornalística que abre este artigo.

Em suma, a crise líbia – fenômeno histórico-social de natureza multifacetada – possui, ao mesmo passo, sua complexidade reduzida à singularidade do fato jornalístico e sua explicação pautada pelos elementos do atual – o "aqui" e o "agora" caracterizadores da narrativa jornalística. Essa dinâmica de caráter simbólico é mediada por elementos estético-expressivos que encontram respaldo nos padrões culturais da experiência racional moderna. Constituem exemplos relevantes da sistemática em questão a própria utilização do *lead* jornalístico – o que, quem, quando, onde, por que e como –, elemento sintomático da

singularização dos acontecimentos pelo jornalismo moderno; a abordagem do assunto em cadernos segmentados e pautados por temáticas específicas (como a economia); ou, de modo ainda mais específico, a presença de estatísticas e de gráficos de linha para explicitar – de modo "racional e matemático" – o desenrolar dos fatos singularizados.

Cumpre-se, dessa forma, uma espécie de rito de passagem mediado pelo ritmo da regularidade jornalística: há a acentuação dos aspectos mais insólitos do evento (no caso em questão, a violência, as mortes, a possibilidade de crise de desabastecimento de petróleo, a turbulência nos mercados econômicos, etc.) para na sequência ocorrer a emergência de um sentido atenuador com base em seus elementos explicativos. O assunto em pauta, outrora desviante, perde, assim, seu protagonismo para outros eventos mais insólitos num contexto marcado pela valorização do "atual". No exemplo da crise líbia, após figurar em cenário de destaque no noticiário econômico por sucessivos dias, o enfoque jornalístico no assunto diminui seu espaço e gradativamente deixa a cena principal para ser substituído por outros eventos de caráter semelhante àquele assumido pela própria crise no início de sua cobertura[7].

Nessa conjuntura, da mesma forma como Herbert Gans (2004) sugere o envolvimento de duas etapas básicas – a *disponibilidade* e a *adequação* – na dinâmica de seleção noticiosa, a construção da narrativa jornalística, numa leitura ampliada para o fenômeno, também pode ser dimensionada pela abrangência que estabelece de dois processos complementares enraizados no plano simbólico, a saber: a caracterização dos acontecimentos cotidianos "dissonantes" (ou seja, aqueles acontecimentos que quebram a regularidade cotidiana) a partir dos chamados critérios de noticiabilidade e a instituição de uma narração que possa dissolver seus aspectos mais desviantes para além da imediaticidade dos fatos. Assim se constitui, pois, como debatido acima, a disseminação da narrativa jornalística encontra respaldo no padrão de regularidade que configura a

[7] Naquela ocasião, os levantes contra Muamar Kadafi substituíram a ênfase então pertencente à outra crise política no mundo árabe: o levante egípcio que culminara na renúncia do líder Hosni Mubarak. Para efeito de exemplificação, na mesma edição do jornal *O Estado de S. Paulo* em que a crise líbia é inicialmente abordada, o veículo publica a matéria "*Egito celebra 'dia da vitória' na Praça Tahrir*", seguida da foto-legenda *"Fim de uma era"* – inserções que, embora precariamente e momentaneamente, como mostraria a sequência dos fatos, reinserem simbolicamente o então levante egípcio num cenário *doxal*. Ver: *O Estado de S. Paulo*, 19/02/2011, p. A17. Operação simbólica correlata ocorre, mais à frente, no momento em que a cobertura do terremoto que abala o Japão em 11 de março de 2011 inicia um processo de substituição da pauta antes ocupada pela crise líbia. Assim, é sintomático que logo na edição posterior ao dia do terremoto, pela primeira vez em três semanas, o tema "Líbia" seja sequer mencionado na capa do veículo. Mais representativa ainda configura-se a quase imediata retirada de cena do assunto no âmbito do noticiário econômico e sua substituição por novas temáticas a partir de uma fórmula discursiva que expressa elementos próprios de regularidade. As matérias no caderno *Economia* sobre o terremoto e a crise nuclear no Japão passam, assim, a substituir a cobertura antes ancorada na crise líbia. Em muitos casos, a própria estrutura temática das chamadas é semelhante à cobertura anterior. Nesse sentido, ver, por exemplo, as chamadas: "Terremoto no Japão derruba bolsas ao redor do mundo" e "Tragédia no Japão afeta commodities". *O Estado de S. Paulo*, 12/03/2011, p. B10 e B12.

experiência cotidiana na modernidade. Trata-se, portanto, de um processo circular que envolve a transcodificação e a difusão pelo modo de narrar do jornalismo dos parâmetros de racionalidade que pautam a sociabilidade moderna.

Entende-se, assim, que o significado ordinário da vida moderna encontra sua ressonância exatamente no sentido corriqueiro da cotidianidade – "o dia conta histórias sempre iguais", poetizam os compositores Toquinho e Vinícius de Moraes. A narração jornalística, nessa perspectiva, estabelece-se como uma narrativa típica do modo cotidiano de vida na modernidade – regular, racional e instrumental –, contribuindo para a propagação de um traço cultural de ordenamento dos sentidos mais dissonantes contidos na experiência do dia-a-dia; ou seja, constitui uma forma de narrar o mundo que ganha propósito com o rompimento das expectativas ordinárias da vida cotidiana.

Reconhece-se – com base nesse cenário teórico-conceitual – que o ritmo regular que caracteriza a cotidianidade dialoga, a partir de uma análise ampliada, com a regularidade que conduz o ritmo da seleção dos fatos noticiosos e da constituição propriamente dita da narrativa jornalística. Trata-se de um jogo dinâmico, numa via de mão dupla, pelo qual o jornalismo – uma das pedras angulares da vida moderna – encontra respaldo e sentido tanto no compasso da experiência cotidiana quanto nos modos explicativos de suas formas de apreensão da realidade (como ressaltado no item anterior).

Reforça-se, assim, que o discurso jornalístico representa uma forma narrativa tipicamente híbrida (FARO, 2011) que se apoia ao mesmo tempo no pragmatismo dos fatos que constituem sua matéria-prima e nos aspectos simbólicos que pautam a sociabilidade operacional como modo de vida peculiar da modernidade. Constitui, finalmente, um processo dinâmico de transcodificação e de disseminação de sentidos culturais hegemônicos – a instrumentalização e a racionalização da existência – numa projeção que ocorre no plano narrativo do processo histórico de "enculturação" pelo qual passa a racionalidade instrumental.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?!: O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (ORG.). **Ser feliz hoje:** reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Outline of a theory of practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 12.ed. São Paulo: Ática, 2002.

FARO, José Salvador. **À flor da pele:** narrativas híbridas, cotidiano e comunicação. Revista Intexto. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.02, n.25, 2011.

GANS, Herbert J. **Deciding what's news:** a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. Edição ampliada comemorativa de 25º. aniversário. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere:** Introdução ao estudo da Filosofia e A filosofia de Benedetto Croce. Vol. 1, 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HALL, Stuart. Culture, the media and the ideological effect. In: CURRAN, James, GUREVITCH, Michael, WOOLLACOTT, Janet (Orgs.). **Mass media and society.** Londres: Edward Arnold Editor e Open University Press, 1977.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência:** a determinação social do método. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MORETTI, Franco. **O Século sério.** Revista Novos Estudos. Cebrap, n. 65, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho:** uma teoria da comunicação linear e em rede. 2.ed. Petropólis (RJ): Vozes, 2006.